

Espaços e Paisagens

*Antiguidade Clássica e Heranças
Contemporâneas*

Vol. II Línguas e Literaturas. Idade Média.
Renascimento. Recepção

Francisco de Oliveira, Cláudia Teixeira,
Paula Barata Dias (Coords.)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

ESPAÇO E PAISAGEM EM *DOZE NAUS* DE MANUEL ALEGRE

JOSÉ RIBEIRO FERREIRA

Universidade de Coimbra

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

Resumo

O trabalho procura analisar o espaço e a paisagem no último livro de poemas de Manuel Alegre, *Doze Naus*, em especial os espaços e paisagens greco-romanos. São muitas as composições que têm um espaço ou paisagem subjacente. Sobretudo nota-se grande insatisfação e uma busca constante de um lugar, da Ítaca ideal que nunca é o sítio em que se está ou chega. Relembro, a título de exemplo, o poema “Mar absoluto” em que as naus de Ulisses partem, «navios a sair do cais / para outro espaço outro crepúsculo outra aurora». E todas falham, com exceção de uma que chega ao seu destino, entra pela poesia dentro e o poeta é esse navegar, é «o que procura mesmo se ninguém responde», é «o que pergunta pelo mar». Outro exemplo elucidativo é o poema “A curva”, que é o ponto ou sítio onde «alguém tem de aparecer», porque a «vida toda» é «sonho a esperar sempre / naquela curva não importa quem».

A cultura clássica é rio que corre há mais de dois mil anos sem cessar, nunca o mesmo e nunca igual. Aluviões constantes, transmitidos ao longo dos tempos, adubam os produtos e criações da mente humana, sempre novos, sempre outros. E o baú da memória da humanidade recolhe os estratos sucessivos que aí ficam depositados e aí permanecem pujantes e vivos, sempre prontos a ser desfiados à mínima alusão ou associação.

O livro de poemas *Doze Naus* de Manuel Alegre é mais uma expressão desse rio que não pára de fluir. E nele as paisagens de Tróia, de Ítaca, de Lisboa, do Tejo, de Portugal aparecem como espaço ou teatro da vida de Ulisses, do poeta, do povo português. E todos eles se inter cruzam, se identificam, como paisagens, espaços e símbolos de Portugal e do temperamento português.

Em *Doze Naus* o mito de Ulisses permanece essencial. E, ao longo do livro, o poeta continua a sua busca insatisfeita. São inclusive tópicos insistentes – em especial nos poemas iniciais e nos finais – o mar, o barco, o rio, o vento. O próprio título do livro tem subjacente o número de barcos comandados pelo herói homérico na expedição contra Tróia, como vem referido no Canto 2 da

Iliada, no célebre episódio do “Catálogo das naus” (vv. 631-637). Traduzo os versos em causa:

*Por sua vez Ulisses comandava os magnânicos Cefalénios,
que habitavam Ítaca e o Nériton de folhas agitadas pelo vento,
e administravam Crocileia e a áspera Egílipe;
os que detinham Zacinto e habitavam Samos,
os que possuíam o continente e habitavam a orla marítima.
Era seu comandante Ulisses, igual de Zeus no na prudência.
E com ele seguiam doze naus de cascos vermelhos.*

De Tróia essas mesmas doze naus partiram com o herói de regresso a Ítaca (*Odisseia* 9. 159), embora a maioria delas sofresse a destruição (*Odisseia* 10-127-132).

E esse número doze de naus aparecerá em vários poemas desta colectânea de Manuel Alegre. Em “Mar absoluto” (p. 19) – poema que parece repercutir “Mar português” de Fernando Pessoa e que abordarei adiante com mais pormenor – o sujeito vê «as doze naus de Ulisses ou talvez / a vida toda nesse breve instante / em que disseste mar pela primeira vez», as «doze proas pintadas de vermelho» (p. 20). O número de naus e a sua cor voltam a ser especificados no poema seguinte, intitulado precisamente “Doze naus pintadas de vermelho” (p. 22). Nele o poeta – identificado com Ulisses e com o povo português, como é usual no autor de *Senhora das Tempestades* – confia embarcar «nas doze naus pintadas de vermelho» que estão fundeadas, «paradas em frente da cidade de Príamo». Agora, porém, Ulisses está ferido e sentado, a pensar nas palavras que dirigiu ao guerreiro inimigo Soco, «sobre a morte e o obscuro destino», enquanto espera que chegue o médico

*..... para estancar o sangue
que lhe corre da coxa para o meio da página
junto das doze naus pintadas de vermelho.*

O poema tem subjacente o passo do Canto 11 da *Iliada* (vv. 426-488) em que Ulisses é atingido por Soco para vingar a morte do irmão Cárops, rasgando-lhe o flanco com a lança (v. 437) de onde o sangue jorra (v. 458). O Cefalénio, apesar de ferido, mata então Soco e dirige-lhe palavras duras, onde aparece referência expressa à morte e ao negro destino (v. 443: *phonon kai kêran mêlainan*) que o espera, tópico também presente no poema de Manuel Alegre. Cito os versos em tradução de Frederico Lourenço (vv. 441-455):

*“Desgraçado! Agora veio ao teu encontro a morte escarpada!
Decerto me impediste de guerrear contra os Troianos;
mas a ti declaro eu que a morte e o escuro destino
te virão neste dia: pela minha lança subjugado,*

*trar-me-ás a glória; ao Hades de nobres poldros, a tua alma.”
 Falou; e o outro recuou e lançou-se na fuga.
 Enquanto se voltava, nas costas entre os ombros lhe fixou
 Ulisses a lança, que lhe trespassou o peito.
 Tombou com um estrondo e sobre ele exultou o divino Ulisses:
 “Ó Soco, filho do feroso Hípaso, domador de cavalos!
 Rápido te sobreveio o termo da morte; não lhe escapaste.
 Desgraçado! Teu pai e tua excelsa mãe não te fecharão
 os olhos na morte, mas as aves de rapina que devoram
 carne crua te dilacerarão, batendo todas cerradas as asas
 à tua volta. Por mim, se morrer, sepultar-me-ão os Argivos.”*

Mas a intertextualidade do Canto 11 da *Iliada* no poema “Doze naus pintadas de vermelho” é mais densa do que a simples referência a Soco e ao ferimento de Ulisses. Nesse teatro de guerra sem quartel que o Canto 11 do poema homérico descreve, os ferimentos dos combatentes aqueus são constantes (Agamémnon, Diomedes, Ulisses, Eurípilo). Quem os consola e os socorre com o apoio do médico Macáon é Nestor, o ancião Nestor de Gerénia. E a esse pormenor alude o poema de Manuel Alegre, ao especificar que Ulisses pensa nas palavras ditas a Soco,

*à espera que Nestor de Gerénia o Velho
 traga o médico (talvez Mácoon) para estancar o sangue*

Vejamos o poema na íntegra, que é dedicado a Teresa Rita Lopes:

*Embarcarei nas doze naus pintadas de vermelho
 paradas em frente da cidade de Príamo
 as doze naus de Ulisses que por enquanto
 ainda ferido está sentado
 pensando nas palavras que disse a Soco
 sobre a morte e o obscuro destino
 à espera que Gerénia o Velho
 traga um médico (talvez Mácoon) para estancar o sangue
 que lhe corre da coxa para o meio da página
 junto das doze naus pintadas de vermelho.*

O final do poema dá um contexto e estabelece um espaço de ficção. O sangue que mana da coxa de Ulisses corre afinal para o meio da página, colocado portanto no domínio da criação poética.

Em 2001, publiquei pequeno opúsculo sobre os temas clássicos na poesia desse poeta, a que dei o título de *Manuel Alegre: Ulisses ou os caminhos de eterna busca*, em que mostrava ser o mito do filho de Laertes central, talvez mesmo o mais importante na obra do autor de *O Canto e as Armas*: Ulisses — que castiga

a insolência e injustiça e apresenta como ideias centrais o exílio e a errância, quer físicos, quer interiores — aparece de modo geral equiparado ao sujeito poético e ao povo português. Sujeito poético, povo português, figura mítica deixaram o seu espaço natural e as paisagens natais para longo tempo andarem errantes por diversas terras e povos e por fim regressarem à sua terra, a Ítaca que em Manuel Alegre, com muita frequência, aparece como a terra pátria e também como algo de ideal (a ilha que fica sempre mais a sul, a tão azul, como diz em *Um Barco para Ítaca*) que a insatisfação humana sempre busca sem jamais a encontrar, porque a Ítaca que se procura nunca é a aquela a que se chega.

E, como Ulisses se identifica com o povo português, o sangue que corre da ferida simboliza o sangue e o sofrimento de Portugal. Um sofrimento equacionado em vários momentos da nossa história que marcaram o ser português. Um sofrimento que o fio da memória vai desdobando ao longo de *Doze Naus*. É sobre esse espaço Ítaca-Portugal que Ulisses-poeta pensa, desejando — é evidente — que nele reflectisse também o povo português. Essa é a preocupação do livro do princípio ao fim.

E, como ilustração dessa inquirição e insatisfação, permita-se-me apenas, a concluir, a citação e breve alusão ao poema “A curva” (p. 87), o último do livro, que é outro exemplo elucidativo de busca constante, de questionação permanente e nunca satisfeita. A curva é espaço abstracto e simbólico que nos separa do desconhecido, do incerto; a curva é o ponto ou sítio onde «alguém tem de aparecer», porque a «vida toda» é «sonho a esperar sempre / naquela curva não importa quem», mas alguém que «há-de aparecer» e que aponte um alguém ou um além, ou mesmo simplesmente e só «o horizonte / daquela curva onde se espera alguém». O poema é constituído por três quadras em rima cruzada (ABAB), onde se insiste no indefinido “alguém”, a cada passo em anáfora (início das estrofes 1 e 3, bem como a começar o verso 3 da estrofe 2), e onde as aliterações surgem em vários versos (s nos versos 4, 5, c ou q no 6 e a no 9). Transcrevo o poema:

*Alguém tem de aparecer naquela curva
mesmo que se não saiba o que é depois
se estrada larga ou morte ou água turva
se solidão ou um a ser já dois.*

*A vida toda em sonho a esperar sempre
naquela curva não importa quem
alguém que diga o quê e saia ou entre
ainda que depois não mais ninguém.*

*Alguém há-de aparecer alguém que aponte
quem sabe se um alguém ou se um além
ou nada mais senão o horizonte
daquela curva onde se espera alguém.*